# Linha fina

A Editora Hedra, em parceria com a Editora Circuito, traz ao público, em 2024, as obras de Flávio de Carvalho, personagem fundamental do Modernismo paulista. *Meridiano Sul 55* é a primeira de três publicações planejadas para 2024, todas prefaciadas por especialistas na obra do autor.

# Título

Meridiano Sul 55

# Autor

Flávio de Carvalho

# Nacionalidade

brasileira

# Coedição

Hedra/Circuito

# Título original

# Copyright

# Categoria

Relato de viagens

# Escola

# Palavras-chave

Relatos de viagens, modernismo brasileiro, Flávio de Carvalho, expedicionário

Categorias Bisac

TRV024020 Viagens / América do Sul / Brasil

BIO026000 – Biografia & Autobiografia / Artistas, arquitetos e fotógrafos

ESS018000 - Coleções literárias / Ensaios

Categorias Thema

WTL – Relatos de viagem

DCB – Biografia: artes e entretenimento

Coleção

Metabiblioteca

# Tradução

# Organização

Larissa Costa da Mata formou-se em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com mestrado e doutorado na mesma instituição. Realizou pós-doutorado em literatura brasileira na Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre o intelectual francês Roger Caillois e o artista Flávio de Carvalho, participando do projeto de pesquisa Poética das Margens no Espaço Cultural Franco-Brasileiro, coordenado pela Profa. Dra. Eliane Robert Moraes e por Camille Dumoulié. Atualmente, é professora adjunta de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), campus de Caraúbas.

# Preparação

Larissa Costa da Mata

# Edição

Renato Rezende e Rogério Duarte

# Revisão

# Capa

# Data lançamento

# Sobre o livro

Este livro reúne três conjuntos de textos de Flávio de Carvalho a respeito das viagens que fez pela América Latina nas décadas de 1940 e 1950. *Rumo ao Paraguai* é o título do primeiro, composto por uma série de artigos de jornal intitulada *Rumo ao Paraguai* e os datiloscritos que o autor lhes acresceu no livro *Meridiano Sul*. *Textos andinos* e *Na fronteira do perigo* são os títulos dos outros dois conjuntos. Todos são compostos por relatos de acontecimentos pessoais e percalços das viagens, descrições de paisagens, de arquiteturas e de hábitos culturais, análises históricas e antropológicas e reflexões psicanalíticas, embora sem compromisso científico ou factual. Entre o diário de viagem e o ensaio, sem limites acadêmicos, são textos que combinam elementos da crônica jornalística com a densidade do texto historiográfico.

# Sobre o autor

Flávio de Carvalho (Barra Mansa 10 de agosto de 1899 —Valinhos, 4 de junho de 1973) foi um dos grandes nomes da geração modernista brasileira, atuando como arquiteto, engenheiro, cenógrafo, teatrólogo, pintor, desenhista, escritor, filósofo e outros rótulos. Flávio de Carvalho é hoje considerado um precursor de vários procedimentos presentes na arte contemporânea, como a performance, o uso do vídeo e a etnografia, sendo compreendido como uma ponte entre o modernismo e o movimento neoconcreto.

# Trechos da apresentação

## Trecho 1

Este livro reúne três conjuntos de textos que Flávio de Carvalho produziu a partir de suas viagens pela América Latina nas décadas de 1940 e 1950. O primeiro conjunto inclui a série de artigos de jornal intitulada *Rumo ao Paraguai,* bem como os acréscimos que esses textos receberam no datiloscritos do livro *Meridiano sul*. Os outros dois conjuntos são *Textos Andinos* e *Na fronteira do perigo.* Todos têm em comum uma escrita fluida que intercala relatos de acontecimentos pessoais e de percalços das viagens; descrições de paisagens, de arquiteturas e de hábitos culturais; análises históricas e antropológicas e reflexões psicanalíticas, embora sem compromisso científico ou factual. Carvalho transita entre o diário de viagem e o ensaio, sem restrições ou limites que seriam impostos se os textos fossem destinados a fins acadêmicos. É importante partirmos do princípio de que não o são, para que não recaia sobre eles a exigência de qualquer rigor ou exatidão dos fatos apresentados. São escritos para o jornal, mais próximos da crônica, embora às vezes apresentem a densidade de um texto historiográfico. São “ficções teóricas”, como bem descreve Valeska Freitas.

O tipo de escrita particular de Flávio de Carvalho já havia sido recusado, anos antes, pela Editora Nacional que havia prometido publicar *Os Ossos do Mundo*, seus ensaios sobre sua viagem à Europa, em 1936. A expectativa da editora era um guia turístico sobre museus e outras atrações, mas Carvalho propõe "um livro de meditações livres sobre viagens”. Os três textos aqui publicados têm este mesmo caráter, “um estimulante para o cérebro seguindo apenas o tumulto dos acontecimentos pessoais do autor”

## Trecho 2

Em 1930, o Rio de Janeiro sediou o IV Congresso Pan-americano de Arquitetura, palco de calorosos embates entre um progressista Flávio de Carvalho, defensor do modernismo e do estilo internacional, e os arquitetos favoráveis ao conservadorismo formal. *A cidade do homem* *nu,* conferência proferida por Carvalho na ocasião, afirmava que “cumpre a nós, povos nascidos fora do peso das tradições seculares, estudar a habitação do homem nu, do homem do futuro, sem deus, sem propriedade e sem matrimônio.” O modernismo de Carvalho incidia contra a cultura herdada da Europa cristã, embrutecida “pela filosofia escolástica”, como havia dito Oswald de Andrade. O projeto de modernidade proferido no *Manifesto Antropófago,* de 1928, já proclamava “contra todas as catequezes” e afirmava que “o que atropelava a verdade era a roupa”, influenciando os argumentos e o texto de Carvalho. Diferente do nobre selvagem romântico, o homem nu modernista era antropófago. Enquanto a cidade tradicional era religiosa e burguesa, a cidade do futuro de Carvalho era a ideal para o homem nascido “no país da cobra grande” e que ele sugeria, no Congresso, estender para todo continente.

# Trechos do livro

## Trecho 1 (de *Rumo ao Paraguai*)

Somos filhos de um continente onde quase toda a população foi chicoteada durante mais de trezentos anos. Ora por imposição do masoquismo jesuíta, que tinha como cume o desejo de ser devorado – esses poderosos sofredores frequentemente entregavam as suas carnes ao apetite tropical – ora pela destituição sadista dos sonâmbulos embriagados: os ditadores.

É no sul do continente onde assistimos ao desabrochar da história. Ou é um Facundo Quiroga ou um Rosas, este primeiro um dos maiores assassinos de todos os tempos e o criador da Confederação Argentina; ora deparamos a leste com o ciclo predestinado dos López como consequência de um Francia, ou então, no centro do continente, os ladinos masoquistas cheios de fraude, o sagaz Anchieta e o tenaz Vieira, elementos fascinados pela paisagem, filhos do verde-amarelo tropical, os primeiros sonhadores do Novo Mundo.

## Trecho 2 (de *Rumo ao Paraguai*)

A História do Brasil se acha distribuída por toda Assunção e pelo Paraguai: ora é a Praça Uruguai onde acamparam as tropas brasileiras comandadas por Caxias, em 1870, ora é a torre do Ministério do Exterior, onde pretendiam os paraguaios prender Pedro II (nosso imperador), ou então Cacupé, a cidade da virgem estrelada, imaculada e milagrosa que, em certo momento de cruenta campanha, foi transformada em hospital de sangue das tropas brasileiras, cidade que recebeu a dor e o sofrimento de milhares de pessoas quase sem assistência.

São essas as marcas de ressentimento e as manchas de sangue deixadas pela luta entre os dois povos, luta que em dado momento quase destruiu a soberania brasileira, tal era o ímpeto guerreiro do povo paraguaio, mobilizado na sua totalidade, e tal era a força do desejo de conquista de Francisco Solano López.

As recordações se misturam à arquitetura, entre as árvores e as colunatas, entre o céu mais límpido da América e a alvura de cal e a sobriedade *papier mâché* das velhas igrejas. As cores mais inocentes do mundo se apresentam de quando em quando nas partes mais antigas: o cor-de-rosa, o amarelo claro, o branco de cal nas ondulações fora do plano de superfícies lisas.

# Imprensa